

HANÓI: A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO EM CONDIÇÕES EXÍLICAS

Adriane Cherpinski¹

Evely Vânia Libanori²

Adriana Gomes Cardozo de Andrade³

RESUMO: O propósito deste artigo é analisar o romance contemporâneo Hanói (2013), de Adriana Lisboa, explorando o conceito de exílio para observar como o processo de pertencimento identitário se desenvolve na obra recortada para o estudo, a partir da representação dos protagonistas e seus familiares em espaços geográficos multiculturais em consequência do exílio. Considera-se que a prática exílica reformula as experiências e promove o assujeitamento das pessoas que passam por situação de deslocamentos, rupturas e renúncias, no ultrapasado de fronteiras. Constatou-se que os personagens principais e seus familiares buscam o sentimento de pertença em local exílio, sem atingi-lo por completo, visto que as identidades são (des)construídas constantemente e anacronicamente.

Palavras-chave: Fronteira. Imigrantes. Pertencimento. Guerra.

HANOI: THE REPRESENTATION OF THE SUBJECT IN EXILE CONDITIONS

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the contemporary novel Hanoi (2013) by Adriana Lisboa, exploring the concept of exile to observe how the process of identity belonging develops in the work cut out for the study, from the representation of the protagonists and their families in multicultural geographical spaces as a result of exile. It is considered that the exilic practice reformulates the experiences and promotes the assujeitamento of the people who undergo displacements, ruptures and resignations, in the crossing of borders. It was found that the main characters and their relatives seek the feeling of belonging in a local exile, without reaching it completely, since identities are (un) built constantly and anachronistically.

Keywords: Frontier. Immigrants. Belonging. War.

1 Doutoranda em Letras (UEM) e docente na Faculdade do Centro-Oeste do Paraná (FACEOPAR). E-mail: adriane.cherpinski@hotmail.com.

2 Doutorado em Estudos Literários (UNESP), professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: lieveorama@gmail.com.

3 Programa de Pós-graduação em Letras (UEM) e Universidade Tecnológica do Paraná – Câmpus Campo Mourão – PR.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora a literatura caracterize uma expressão artística, carrega em si uma profunda relação com a sociedade, visto que critica, denuncia, exalta, expressa, enfim, comunica. Assim, a literatura possui importantes relações com a arte, a ciência, a religião e com todos os artefatos e instituições do ser humano. Antonio Candido, na obra *Literatura e Sociedade* (1976), expõe que o artista, em seu contexto social, transforma, combina, cria e devolve à realidade sua produção; por isso, a compreensão de uma obra depende da análise de fatores internos e externos. Nessa perspectiva, os contextos históricos, culturais, políticos, econômicos, geográficos, sociais, entre outros, servem à literatura, na medida em que proclamam o comportamento humano.

O contexto que serve a literatura contemporânea evidencia discursos éticos-políticos que recaem, principalmente, nos costumes e deveres que conduzem o homem pós-moderno numa sociedade que, como assinalou o sociólogo Zygmunt Bauman em sua obra *Identidade* (2005), constrói/dita normas e posturas, e quem não se encaixa, não se identifica e não se compromete com elas, assume o posto de um “estranho”, que sente o mal-estar dessa sua mesma condição de excluído e exclusor.

No âmbito do estranhamento do sujeito, da filiação ao novo e do ultrapasse de fronteiras, o propósito deste artigo é analisar a obra *Hanói*, de Adriana Lisboa, em torno do conceito de exílio e refletir como o processo de pertencimento identitário se desenvolve na obra objeto de estudo. A abordagem busca observar como se representam os personagens protagonistas e seus familiares, ao ocuparem contextos multiculturais consequentes do exílio, reformulando suas experiências.

O questionamento do pertencimento identitário a partir do exílio torna-se importante

para compreender as representações dos sujeitos em virtude dos deslocamentos oriundos das imigrações, do ultrapasse das fronteiras, especialmente dos refugiados e estrangeiros. Conforme Said (2003), o exílio é o que separa o ser humano e seu lugar de origem, o ser humano que cresceu em dado lugar e que ali constituiu laços. A história e a literatura buscam superar essa separação, visto que o exílio representa a perda de algo para sempre.

Não trata-se meramente de uma reflexão do simples trânsito entre fronteiras ou do choque cultural como resultado da imigração, mas sim nas decorrências que influenciam numa perspectiva social coletiva.

Adriana Lisboa concentra em *Hanói* (2013), e em seus demais cinco romances contemporâneos (*Os fios da memória*, 1999, *Sinfonia em branco*, 2001, *Um beijo de colombiana*, 2003, *Rakushisha*, 2007 e *Azul-corvo*, 2010) a questão da imigração. Nascida em 1970, no Rio de Janeiro, a autora morou na França e nos Estados Unidos. Foi premiada diversas vezes, inclusive com o Prêmio José Saramago em 2003, consagrando-se no Brasil e no mundo. A figura do exilado ou do desterrado constitui a marca da produção literária de Adriana Lisboa.

Permeando este cenário, ressalta-se o conceito de identidade enquanto produção incompleta, num processo contínuo de (des)construção e que não se inscreve num determinado espaço geográfico.

Este artigo compreende a obra recortada para objeto deste estudo, *Hanói*, tendo como subsídio um aparato teórico e bibliográfico em torno do conceito de exílio, detendo-se nos seguintes teóricos: Edward W. Said (2003), Indursky e Oliveira (2016) e Can (2016). Além disso, propõe-se uma abordagem teórica referente a (des)constituição de identidades pautada em Zygmunt Bauman (2005).

2 EXÍLIO E EXILIÊNCIA

Edward Said, no texto “Reflexões sobre o exílio”, discute sobre o exílio em suas dimensões humanas e literárias, traçando um paralelo ao sentido de nacionalismo. O exílio é colocado por Said (2003, p. 46) como algo assombroso de ser experimentado pois constitui numa “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”.

O período moderno traz consigo o sentimento de destituição, alienação, ansiedade e ausência de vínculos. “A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados” (SAID, 2001, p. 46). Atualmente, tem-se a era do refugiado, da pessoa deslocada e da imigração em massa.

A literatura sobre o exílio apresenta a angústia e a sensação de que muitas pessoas desconhecem. Sabe-se que o exílio é secular e histórico, produzido por pessoas para outras pessoas. É comparado à morte que tira alguém da sua “tradição, da família e da geografia” (SAID, 2001, p. 47).

Can (2016) relaciona em seus estudos sobre exílio o termo espanhol *insilo*, o qual designa um sentimento de perda e de exclusão no âmbito do próprio território, a sensação de não pertencimento a um mundo imposto: “o estranhamento vivido dentro da própria pátria” (CAN, 2016, p. 76), considerando o processo político e econômico que estrutura determinada nação e que domina os sujeitos por meio dos poderes instituídos. Assim, o *insilo* refere-se aos excluídos, aos marginalizados na contramão das posições sociais. Essa acepção é importante neste estudo pois retrata o sentimento de não pertencimento dos protagonistas de *Hanói*.

3 O ENREDO DE *HANOÍ*: RUPTURAS, DESLOCAMENTOS E RENÚNCIAS

A narrativa de *Hanói* se dá em Chicago. O narrador é onisciente neutro, em terceira pessoa, o que segundo Franco Junior (2003) caracteriza as personagens, explicando-as e descrevendo-as para o leitor; não sendo personagem, o narrador onisciente adquire uma isenção em relação ao que narra, visto que essa característica situa o leitor em contato direto com o fato narrado e com os sentimentos dos personagens, inclusive no nível psicológico (FRANCO JÚNIOR, 2003).

O enredo explicita o processo de exílio pelo qual passam diversas personagens da obra, principalmente os protagonistas Alex, 21 anos e David, 32 anos. Alex com amadurecimento acionado por uma gravidez precoce aos 17 anos, teve o filho Bruno de um relacionamento com Max, 40 anos, casado e treinador de basquete. David recebeu a notícia de que teria poucos meses de vida, fato este que motivou sua busca pelo exílio.

Nesta procura, David negou-se a assumir-se como doente: “Estava determinado a não se comportar como o doente clássico, aquele que se faz as mais ridículas das perguntas – mas por que logo eu? Mas por que justo agora?” (LISBOA, 2013, p. 69).

O perfil psicológico de David permite-lhe encarar sua tragédia pessoal. Assim, começa a exilar-se da própria vida:

Foi até o armário e começou a separar as roupas. Deveriam caber todas numa mochila. O resto foi colocando em sacos plásticos a que daria outro fim. Guardou um casaco e umas poucas coisas de inverno [...] levaria num mp3 player, porque esperava que a sua morte tivesse pelo menos uma boa trilha sonora (LISBOA, 2013, p. 106).

David passou a entender o que era estar no mundo independente das origens. As recaídas ocasionadas pela doença apenas reforçavam

sua estratégia: “Tinha escolhido o caminho da praticidade. E vamos deixar o drama de fora. Tudo vai dar certo. É um bom plano. Honesto, realista, sensato” (LISBOA, 2013, p. 71).

Mesmo se preparando para a morte e iniciando a doação dos poucos pertences para aguardar os últimos dias, David conhece Alex e começa a gostar dela. O que poderia ser um fardo para a moça, torna-se algo sereno em que se depara com a tristeza de uma forma terna.

Alex é descendente de vietnamitas imigrados para os Estados Unidos. Vivia um dia a dia sem muito entusiasmo, no modo automático. O envolvimento dela com David é marcado pela dúvida, já que ele está prestes a ser vencido pela morte iminente, mudando completamente a vida de ambos. Eles se entrelaçam numa história de deslocamentos e renúncias, onde os novos arranjos com que se deparam impedem de não entregar os pontos, mas de seguir adiante.

Assim, neste romance em que a delicadeza se cumpre sem se converter em sinônimo de superficialidade, a música é algo constante, visto que David era um músico amador e tinha no trompete “um amigo para as horas difíceis” (LISBOA, 2013, p. 21), tanto é que chegou a participar de uma pequena banda, um “músico anônimo, acostumado a não ser ninguém num mundo de poucos alguéns” (LISBOA, 2013, p. 23).

David e o pai, Luiz, foram abandonados pela mãe quando ainda era criança. Após novo abandono na fase adulta, pela namorada Lisa, ao descobrir a doença iniciou seu processo de desprendimento de tudo que não é essencial, como demitir-se da loja de materiais de construção em que trabalhava e o desapego de bens materiais. O trompete foi o único objeto que o acompanhou até os últimos dias de sua vida, o qual ilustra a capa da obra.

Ao pegar os documentos para fazer o passaporte para ir a Hanói, - capital e segunda maior cidade do Vietnã - David reflete: “Seus

pais tinham vivido ilegalmente no país até morrer, portanto essa singeleza de rever a família nunca havia feito parte da vida de David. Sair podia significar não voltar e ninguém estava disposto a correr esse risco” (LISBOA, 2013, p. 164). Diante de tais rupturas causadas pelas imigrações, perda de laços familiares e de sentimento de pertencimento, Said (2003) pontua que o *páthos* do exílio consiste na perda da solidez e da satisfação da terra, já que voltar ao lar nem se cogita mais.

Embora David não se coloque na posição de exilado enquanto filho de imigrantes, optou pelo exílio como fator de distanciamento do território em que vivia, queria ir a Hanói, partir rumo ao desconhecido para encontrar a morte. Para Said (2003, p. 57),

Há o simples fato do isolamento e do deslocamento que produz o tipo do masoquismo narcisista que resiste a todos os esforços de melhoramento, aculturação e comunidade. Nesse ponto extremo, o exilado pode fazer do exílio um fetiche, uma prática que o distancie de quaisquer conexões e compromissos.

Indursky e Oliveira (2016) acrescentam que o refúgio que culmina do exílio é ambivalente, pode ser a salvação de um sujeito como pode desencadear uma ruptura irreversível frente ao território deixado. No caso de David, percebe-se que a busca pelo exílio em Hanói configura-se como salvação, não da vida propriamente dita, mas no sentido de desejo realizado em estar longe de seu território para receber a morte.

O contexto da narrativa compreende os anos 1980, ou seja, o pós-guerra do Vietnã (Guerra Americana). A guerra motivou o exílio de inúmeras pessoas, entre elas da avó (Linh) e da mãe (Huong) de Alex, as quais deixaram Hanói para viver em Chicago. Aliás, Huong nem chegou a conhecer o próprio pai, Sargento Derrick, em função da guerra. Conforme Said (2003, p. 50), “[...] adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso

território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade pertencem como refugiados e pessoas deslocadas.”

Outro refugiado do Vietnã e que constitui personagem secundária na obra *Hanoi é Trung*, chefe de Alex, dono de um supermercado asiático. Trung “vinha de fora, assim como grande parte dos produtos empilhados nas prateleiras do mercado” (LISBOA, 2013, p. 14). *Hanoi* explicita, não somente por meio de seus personagens, mas através de outros elementos, como os produtos do supermercado, de que as fronteiras são ultrapassadas, reunindo multiculturalidades num *ethos* coletivo. Trung não falava das memórias nos campos de refugiados e “pouco falava dos primeiros tempos em seu novo e definitivo país” (LISBOA, 2013, p. 37). Monge budista e solitário, entendia-se bem com a mãe e com a avó de Alex, tanto é que quando adoeceu, fechou o supermercado e passou a residir com Linh e Huong, pois, com a saúde debilitada, ficou acamado. Ao levar Trung para morar com Huong e a mãe, Huong reflete: “Depois de tantas migrações internas e externas, de tantas travessias, bastavam agora umas poucas horas de ônibus e podiam enfim se acomodar” (LISBOA, 2013, p. 197). Percebe-se que possivelmente Huong já esteja acostumada aos deslocamentos e que desejava apenas paz, sem importar-se sobremaneira com o local em que estivesse.

Said (2003) compreende que o exilado tem a oportunidade de novas afiliações identitárias, embora isso não compense a perda. A reconstrução do nacionalismo por meio de uma nova nação, criação de instituições, relaciona-se à construção de uma memória nacional, ao reavivamento de uma língua, porém também revelam a consciência de si mesmo, configurando num *ethos* vivo no exílio, conforme observa-se na relação de união entre Trung, Huong, Linh e Alex: “Trung e Huong, a mãe de Alex, se entendiam. Trung e Linh, a avó

de Alex, se entendiam. Os três eram irmãos que a guerra havia reunido [...]” (LISBOA, 2013, p. 45).

Ressalta-se que o exílio não configura banimento nem imigração. Neste sentido, Said (2003) emprega o termo *exiliência* designando que não há ausência nem perda, e sim representa a afirmação de um *ethos*, ou seja, há uma experiência exílica que funciona como construção identitária ou como trabalho da memória:

A alma de Trung tinha ficado em algum lugar lá atrás, entre florestas vivas e florestas calcinadas e memórias confusas, ou então no meio do oceano e de barcos circundados de cadáveres que iam se perdendo no escuro da noite como boias disformes, ou em meio a estranhos cujo olhar nunca deixaria de ser fundamentalmente estranho (LISBOA, 2013, p. 46).

A memória possibilita assim, ao exilado, rememorar os fatos vividos. Nesta ótica, Can (2016, p. 80) ressalta que “o *insilio* é uma memória reprimida, a cultura de uma consciência em perda”. Huong, Linh e Trung constituem personagens nostálgicas que, assim como David, vivem uma sensação de não pertencimento ao local em que exilam-se:

Quanto a Huong e Linh, que conheciam bem essa história (a partir da fase náutica), suas pequenas almas também não pareciam estar ali, presentes, quando seus pés pisavam as calçadas das novas cidades pelas quais passavam. Mesmo quando aprendiam palavras do novo idioma e decifravam os costumes esquisitos de seu novo país (LISBOA, 2013, p. 46).

Da mesma forma como a família de Alex era constituída por descendentes de etnias, valores, culturas e nacionalidades diferentes, os pais de David apresentavam a mesma característica. A mãe, mexicana, imigrou com o pai de David, Luiz, para os Estados Unidos da América como muitas outras pessoas, ou com visto de turismo ou com passaporte falso. Desempenhavam atividades consideradas subalternas como na construção civil, cuidadores de crianças, faxineiras ou entregadores.

Luiz nunca voltou ao Brasil, pois tinha medo de refazer a viagem e as autoridades descobrirem sua ilegalidade.

Said (2003) chama a atenção para a compreensão de alguns termos. Exilado é diferente de refugiado. Exilada é a pessoa impedida de voltar para casa, tem vida anômala e infeliz. Refugiado compreende um grande grupo de pessoas inocentes que precisa de ajuda internacional urgente. Já expatriado é aquele que mora por vontade própria em outro país, por motivos sociais ou pessoais. Os emigrados são pessoas que emigram para outro país, por escolha própria. Por outro lado, Can (2016) entende que os termos banido, proscrito e emigrado dizem respeito a realidades jurídicas, históricas e econômicas; já a noção de exilado compreende a uma dinâmica mais subjetiva, é um sentimento. “Exatamente por expressar um sentimento de perda, o desejo de evasão é sempre acompanhado por uma relação problemática com o presente” (CAN, 2016, p. 82).

Embora a marca do romance analisado neste artigo seja a questão da imigração, pondera-se também a busca do exílio por David, após o diagnóstico de câncer: “David tinha lido numa revista, muitos anos antes, que os elefantes abandonam sua manada ao sentir que a morte está próxima e vão sozinhos procurar um lugar onde não seja difícil encontrar água e abrigo” (LISBOA, 2013, p. 10). Sob este prisma, o exílio não compreende um privilégio, mas sim uma alternativa, conforme expressa Said (2003, p. 57): “o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece”. Para David o exílio aconteceu por meio do câncer incurável, fazendo-o buscar o exílio como alternativa para viver seus últimos dias. Can (2016) pontua que o exílio promove um desejo de identificação por meio de uma ruptura com a pátria e de reconciliação consigo mesmo. Desta forma, o rapaz também imigra, sobretudo para dentro de si

mesmo e escolhe o lugar do seu destino: Hanói, no Vietnã. Essa escolha por Hanói não se dá ao acaso.

Ainda indeciso quanto ao lugar que passaria seus últimos dias, David perguntou para Alex “Se você pudesse fazer uma viagem a qualquer lugar do mundo. Para onde você iria?” (LISBOA, 2013, p. 129). Alex não teve dúvidas, indicou Hanói, a cidade de sua avó Linh. A partir de então, David decidiu que seus últimos dias seriam em Hanói: “No início David tinha pensado em Framingham, mas Framingham era perto demais, literalmente familiar demais. A escolha roleta-russa de Alex estava perfeita: longe, outra língua, outra gente, outra comida, outro mundo” (LISBOA, 2013, p. 134).

Ao refletir sobre a imigração de sua família e a nova vida em Chicago, Alex retoma o conceito de resiliência sobre recobrar a forma original após um choque, entretanto questiona: “Mas então não era *bem* resiliência, era? Será que os corpos, aqueles corpos, tinham mesmo recobrado sua forma original?” (LISBOA, 2013, p. 17). Encontra-se para esta questão de Alex sobre voltar a ser ela mesma uma possível resposta ancorada em Bauman (2005, p. 91-92):

A construção da identidade assumiu a forma de uma experiência infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação.

Bauman (2005) usa a alegoria de um quebra-cabeças para expor que uma vida é um quebra-cabeça incompleto, pois para a vida faltam muitas peças e jamais se saberá quantas. O quebra-cabeça não, ele é completo e vem com a figura que deve-se montar, a partir de orientações, sabe-se como será o final. Na composição das identidades não tem-

se acesso a nenhum destes elementos que tem o quebra-cabeça. A imagem do fim não é dada, não há orientações de como montar as identidades.

A mãe e a avó de Alex moravam a cinco horas de Chicago, numa pequena cidade, o que “Fazia sentido. Elas não tinham nascido para milhões. Elas ficavam confusas na cidade grande, com o ritmo, com o barulho, com a falta de espaço, e nem duas décadas as haviam amolecido, nesse sentido” (LISBOA, 2013, p. 16). Linh e Huong, antes de migrarem para Chicago, trabalhavam no campo de um país devastado pela guerra. Can (2016, p. 77) afirma que o exílio está ligado à dimensão do tempo: “o exilado crônico é sempre um exilado anacrônico”, por isso o exílio não se encerra na clássica oposição entre o nacional e o estrangeiro, aonde o exilado não vive com o tempo ou no tempo, mas sim no destempo, como Linh e Huong.

3.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Nacionalismo compreende grupos com características intrínsecas, como a língua, por exemplo. O exílio seria a solidão vivida fora do grupo. É um estado de ser descontínuo. “Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50). Assim, sentem necessidade em reconstituir suas vidas rompidas:

Era o início dos anos oitenta. Huong era uma adolescente de dezessete, semianalfabeta em sua própria língua, e não conhecia a nova língua que devia falar a partir dali. Mas não demoraria muito para aprendê-la, depois que se mudou. Aquele era um caso clássico de decifra-me ou te devoro (LISBOA, 2013, p. 73).

Said (2003) discute o significado das experiências de pessoas exiladas e associa o nacionalismo ao exílio. O nacionalismo compreende o pertencimento a determinado “lugar, a um povo, a uma herança cultural” (SAID, 2001, p. 49). Se afirma por uma língua, cultura e costumes, negando o exílio, o qual interferiria nestes fatores. Nesta

ótica, em *Hanoi* a língua foi outro elemento que contribuiu para o deslocamento. Alex se esforçava para falar a língua da mãe “que já não podia chamar de sua havia muito, embora a tivesse aprendido em casa, junto com o inglês de seu pai e dos desenhos animados da tevê” (LISBOA, 2013, p. 18). Percebe-se em Alex a ausência do sentimento de pertença, por meio da língua, da nação a que fazia parte.

Quando Huong, mãe de Alex, aportou em Chicago atuava como manicure, porém, recém chegada desconhecia a língua oficial: “Trabalhava quatro vezes por semana no salão, e entre ela e suas clientes não havia palavras, só unhas. Era como se ela e o seu novo mundo realmente só se tocassem com as pontas dos dedos” (LISBOA, 2013, p. 73). De acordo com Indursky e Oliveira (2016, p. 245), “o acesso à habitação, ao mercado de trabalho e à capacitação linguística estão longe de oferecer uma garantia contra a eclosão [...] de reassentamento”.

A língua como elemento de deslocamento identitário oriundo do exílio é fato constante em *Hanoi*. O pai de David, brasileiro, migrou em busca de melhores possibilidades de vida nos Estados Unidos, no fim dos anos 1960. Falava português em casa, fazendo com que David fosse proficiente na língua. A mãe mexicana igualmente se converteu à língua portuguesa “virando a língua oficial da família” (LISBOA, 2013, p. 40).

Além disso, na primeira vez que foi ao supermercado de Trung, David igualmente se deparou com uma língua estrangeira: “ouviu dois funcionários falando uma língua que não entendia. Era uma língua que avançava aos soluços. Viu bilhetinhos presos atrás do único caixa escritos numa língua que não entendia” (LISBOA, 2013, p. 50).

Somando-se à diversidade de línguas, verifica-se que a linguagem empregada na obra *Hanoi* também denota um mundo de guerra e de exilados: [Bruno, filho de Alex] “brincava com um punhado de outras crianças que ficavam na escola até mais

tarde, esperando ser **resgatadas**⁴ por pais ou mães cansados após um longo expediente” (LISBOA, 2013, p. 111, grifo nosso). Dessa forma, observa-se que a linguagem opera no romance de forma a materializar a questão da imigração, visto que a palavra resgatar é típica em situações de guerra, em que as pessoas são salvas de situações violentas para viver em outro local.

Várias marcas linguísticas em *Hanói* que promovem o entrelaçamento com a questão do exílio, a qual está particularmente ligada à questão identitária, pois conforme Bauman (2005, p. 13) a questão da identidade “é uma convenção socialmente necessária”. No sentido de que são as convenções sociais, as instituições (família) que determinam os padrões a serem vividos, Alex, descendente de imigrados, encontra-se numa vida que exige luta para sobreviver, fazendo alusão a uma guerra:

Nem Alex nem a bela Linh que trabalhava num bar em Da Nang, em um passado brutal, estavam em condições de exigir coisas. Leve-me já para o seu país, a mim e à nossa filha! Arrume um jeito de abandonar essa guerra e cuidar de nós duas! Largue a verdadeira sra. técnico de basquete e leve a mim e ao nosso filho para viver com você! porque sim, é uma guerra, você sabe disso e eu também, mas se estivéssemos juntos já seria suficiente (LISBOA, 2013, p. 117, grifo nosso).

A vida de Alex era uma guerra imposta pela sociedade. A regra era sobreviver, para isso era preciso se assujeitar, ajustar-se aos padrões exigidos. Indursky e Oliveira (2016, p. 243) expõem que a busca por sobrevivência se impõe ao exílio como lógica reinante: “Se as experiências de separação e de perdas remetem à finitude, ao irrepresentável da morte e todo seu corolário de angústias, quando vividas em exílio elas se intensificam sobremaneira”.

As perdas são constantes na vida de Alex, pois na medida em que se aproxima o final da narrativa, com a saúde de David já bastante debilitada, ocorre

também o fim da vida do supermercado de Trung, visto sua condição de acamado.

3.2 COSTUMES

A ruptura promovida pelo exílio culmina em sinestésias por meio de elementos como lugares, sons, cheiros e sabores (INDURSKY; OLIVEIRA, 2016). Diversas sensações sinestésicas são evidentes em *Hanói*. As famílias de Alex e David formaram-se a partir das consequências do exílio, ou seja, seus integrantes com origens diferentes entre si, vivendo em lugares igualmente divergentes de suas origens. Nessa pluralidade, observa-se a perpetuação de alguns costumes, adaptados aos novos espaços em que viviam: “Huong cultivava flores no jardim de casa [...]. Retomava com isso, num arco, uma relação que tinha existido entre ela e a terra muito antes” (LISBOA, 2013, p. 19). Contudo, a mãe de Alex, agora em Chicago, cultivava flores no lugar de arroz. “Já não precisava plantar para comer” (LISBOA, 2013, p. 19). Huong tinha saudades do Vietnã, embora soubesse que “Nunca foi fácil, [...]. Nem lá, nem aqui” (LISBOA, 2013, p. 80).

A culinária compreende outro fator que marcou os costumes dos imigrantes: “Arroz parecia uma boa ideia. Uma ideia simples. David tinha lido que culturas orientais inteiras baseavam sua alimentação no arroz. Arroz de manhã, arroz de tarde, arroz de noite” (LISBOA, 2013, p. 83). Algo em comum em alguns países distantes um do outro, pois no Brasil, terra do pai de David, o arroz é ingrediente indispensável no almoço e jantar da maioria das pessoas.

A culinária típica do Vietnã constitui uma marca de rememoração da família de Alex em relação ao país de origem:

Huong colocou na mesa a grande tigela de arroz, o tofu frito, os legumes fritos e a salada fresca, a sopa, o pickles de mamão papais, o molho. Bruno se lançou à aventura de investigar aquelas coisas com a alegria rara

4 Grifos nossos.

que era comer uma refeição preparada por sua avó, e Alex pensou com tristeza nas pizzas congeladas que ocupavam mais espaço do que deveriam na sua geladeira (LISBOA, 2013, p. 179).

Said (2003) reflete que o exílio proporciona também pontos positivos: “ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira possibilita a originalidade da visão” (SAID, 2003, p. 59). O exilado tem consciência de mais de uma cultura, cenário e países. Essa pluralidade motiva dimensões simultâneas. O exilado adquire novo hábito de vida, tendo na memória os hábitos anteriores, administrando as interfaces, reais e vívidas, julgando-as e compreendendo-as. No entanto, Said (2003) afirma que isso pode ser um risco, pois a dissimulação é cansativa e desgastante. “O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro” (SAID, 2003, p. 60). O exilado vive num local mas tem a memória de outros locais, porém inatingíveis.

Assim, Said (2003) conclui que o exílio configura uma vida fora da ordem habitual, é nômade, descentrado e contrapontística.

3.3 ASPECTOS FÍSICOS

A junção de diversas raças e etnias, por conta do exílio resulta num encontro multicultural que, por sua vez, contribui para modificações *etho* coletivas. Dentre as diferenças, *Hanoi* explicita, quanto aos aspectos físicos, principalmente no que diz respeito a Max, pai de Bruno: “Seu pai vinha vê-lo uma vez por mês. Dizia que era um primo distante e Bruno não achava estranho o fato de ele e Alex serem fisicamente tão diferentes, a cor, a altura, os traços do rosto” (LISBOA, 2013, p. 54).

Os aspectos físicos também marcaram Huong, a qual tinha os traços físicos do pai, os quais eram identificados pelos colegas da escola, que faziam bullying, fazendo com que desistisse

de frequentar a escola e também porque tinha que ajudar a mãe no campo.

Alex e David igualmente apresentam características físicas peculiares (asiática/latino respectivamente) confirmando assim a constituição de um povo marcado por diversas culturas que não se inscrevem em um único espaço geográfico.

3.4 IDENTIDADES: A TRANSITORIEDADE DE TUDO

Refletir em torno de conceitos como exílio e exiliência requer pensar na (des)construção de identidades dos sujeitos, visto o deslocamento e o ultrapasse de fronteiras enquanto elementos determinantes no processo identitário. Bauman (2005) discute sobre a questão da identidade em relação ao nacionalismo e ao pertencimento, visto que foi exilado de seu país de origem e viveu em outro país, logo teve duas identidades, pois uma não anula a outra. “A imagem da ‘fraternidade’ é o símbolo de se tentar alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos, separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos” (BAUMAN, 2005, p. 16).

[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

Zygmunt Bauman foi exilado de seu país, de seu habitat “natural”: “não haveria um espaço a que pudessem considerar-me ajustado, como dizem, cem por cento. Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – ‘deslocado’” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Indursky e Oliveira (2016, p. 244) acrescentam que o exílio desestabiliza a continuidade da

existência, o que pode levar “desde a fragmentação do eu até a sua atomização, onde a identidade do sujeito ficará dividida em várias realidades conflitantes entre si: coexistindo, sem, todavia, interagirem”.

Nas diferentes formas em que o exílio ocorre (expatriação forçada ou por livre escolha), são fundamentais as agências da ONU que “abrigam” os camponeses refugiados. O que se tem é: “multidões sem esperança, a miséria das pessoas ‘sem documentos’ subitamente perdidas, sem uma história para contar” (SAID, 2001, p. 49). Tais agências foram determinantes para a mãe de Alex quando chegou em Chicago:

Huong conseguiu trabalho como manicure, alguns meses depois de sua chegada. Não que fazer as unhas fosse um talento especial seu, mas tudo se aprende. A agência que recebia os refugiados e tentava encaixá-los na sociedade, aquelas pessoas anômalas que eles eram, ajudou (LISBOA, 2013, p. 73).

Interditado de voltar à terra deixada e convocado a recomeçar a sua vida, o exilado recém-chegado depara-se com a dimensão do irreversível, despertando nele a necessidade do assujeitamento (INDURSKY; OLIVEIRA, 2016). Assim, nos dias de folga Huong trabalhava como arrumadeira na casa em que conheceu o pai de Alex, Benjamin, um encanador, de bem mais idade que ela, com problemas cardíacos, do que faleceu.

Sobre essa adaptação do exilado num novo lugar, Indursky e Oliveira (2016, p. 245) expressam que “os recém-chegados tendem a se arrimar em um modo operatório, no qual precisam aprender tudo sobre como se restabelecer socialmente (papéis, trabalho, saúde)”. Para Huong, além da língua, muitas outras coisas não faziam sentido na América, como, por exemplo, a religião católica; ela ficava muito triste ao ver a imagem de Jesus Cristo crucificado. Porém, a ideia da ressurreição fazia com que Alex representasse, para a avó e a mãe, a função de recomeçar a vida, constituía uma

linha divisória como se tivesse que protegê-la de um passado contagioso.

Said (2003) pontua que o exilado cria um novo mundo para compensar a perda, com possibilidades de novos e diferentes mundos. Said (2003, p. 56) cita James Joyce, o qual afirma que ser exilado é ser “sozinho e sem amigos”, essa sensação típica do exilado é sentida por Alex:

Ao chegarem em casa, Bruno saltou para a frente da televisão enquanto Alex foi tirar da geladeira as coisas que ia esquentar para o jantar. Depois que comeram, ela preparou um café forte e foi estudar. **O café forte era o seu melhor amigo.** Bruno dormiu depois de um filme, e o café forte ainda conseguiu animá-la por mais duas horas inteirinhas (LISBOA, 2013, p. 112, grifo nosso).

Alex chegou em Chicago ainda bebê, ali cresceu, estudou e trabalhou. Entretanto, apresenta a característica típica dos exilados: a solidão e o não pertencimento. Isto pode ser relacionado ao *insilio*, uma vez que “o indivíduo que opta pelo *insilio* é aquele que está sem estar completamente na própria casa” (CAN, 2016, p. 80).

Bauman (2005) explicita que pertencer a uma nação por nascimento significa, inequivocamente uma convenção construída. Assim, “a identidade é mencionada precisamente como uma representação de instituições como a Família, o Estado, a Igreja, que são [...] a priori da vida social” (BAUMAN, 2005, p. 29). Nessa perspectiva, Alex possui múltiplas identidades, dentre elas a que constituiu em Chicago enquanto cidadã daquele espaço geográfico.

As identidades são múltiplas, variáveis, ambivalentes e ambíguas, ou seja, a contemporaneidade expressa a liquidez identitária dos sujeitos. Na obra *Hanói*, fica evidente tal liquidez, uma vez que David assume identidades de músico, atendente, doente, namorado, filho e exilado. Alex, igualmente, transita nas múltiplas identidades de filha, estudante, adolescente, amante, mãe, namorada e exilada.

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições ou embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaiam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19).

Além dos personagens centrais de *Hanói*, outros, como Trung, também expressam a alternância de identidades ocasionada pelo exílio:

Ele até poderia ter ido viver num mosteiro budista, entre os muitos que já tinham se espalhado em seu novo país. Exilar-se dentro do seu exílio. Em vez disso, arranhou um emprego servindo sopa. Ele sabia que certas coisas eram irre recuperáveis. Feito os dentes de leite da infância (LISBOA, 2013, p. 146).

Assim como os dentes de leite são irre recuperáveis, as identidades, ao perderem suas âncoras sociais, são reconstruídas de forma que os sujeitos busquem algum tipo de pertencimento. Porém, Bauman (2005, p. 20) alerta que “Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar totalmente e plenamente em casa”. Isso porque em todo lugar estará presente a ambiguidade, nas suas diferentes facetas, como em *Hanói*, David sentia-se bem em passar seu tempo com Alex e Bruno: “Poderiam fazer de conta que eram uma família. Se um deles era quase latino, o outro quase negro e a outra quase asiática, isso apenas apontava para alguma coisa pouco ortodoxa que não dizia respeito a ninguém” (LISBOA, 2013, p. 155).

Segundo Said (2003, p. 54), “Os exilados olham para os não-exilados com ressentimento.

Sentem que *eles* pertencem a seu meio, ao passo que um exilado está sempre deslocado”. Já em Hanói, terra pátria da mãe e da avó, Alex reflete: “É preciso coragem para calçar os sapatos do estrangeiro, também é preciso coragem para concluir que talvez você não seja estrangeiro, mas conterrâneo” (LISBOA, 2013, p. 168). A moça sente que faz parte daquele lugar, busca o pertencimento. Said (2003) expressa que o exílio fundamenta-se no amor pela terra natal, a perda que se configura é inerente à existência de si e da sua pátria.

Para Said (2003), o exilado tem a oportunidade de novas afiliações identitárias, embora isso não compense a perda. A reconstrução do nacionalismo por meio de uma nova nação, criação de instituições, relaciona-se à construção de uma memória nacional, porém também revelam a consciência de si mesmo, configurando num *ethos* vivo no exílio. Paralelamente, Indursky e Oliveira (2016) pontuam o exílio como um fenômeno em que a coletividade cumpre um papel constitutivo, pois constrói marcadores sobre a perda/separação ocasionadas.

Dessa forma, o exílio não é um privilégio mas uma alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna. “[...] o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele ou ele nos nasce” (SAID, 2003, p. 57). Contudo, o exilado não deve se posicionar à margem, pois tem muito a aprender.

Dias antes da viagem planejada por David, ao procurar Hanói no Google Maps, o rapaz sonha viver em todo o mundo, sem fronteiras:

Seria uma pessoa mínima e sem chão, uma pessoa em trânsito. [...] Levaria Alex e Bruno com ele. Bruno aprenderia sobre o mundo in loco: no mundo. Não na internet. Não na sala de aula. Não em livros. Nem mesmo em passeios turísticos, na segurança de um hotel, na previsibilidade fotogênica de férias bem planejadas (LISBOA, 2013, p. 222).

Pois o imigrante/exilado não tem essa previsibilidade, está ao acaso. Justamente ao acaso é que Alex, Bruno e Max seguem com David para Hanói. Na primeira manhã, Alex “Saiu para se perder, voluntariamente [...]” (LISBOA, 2013, p. 230). Queria conhecer todas as especificidades do local para conduzir David. Embora a avó e a mãe fossem de Hanói, Alex não se reconhece naquele lugar. Contudo, sem forças físicas para apreciar Hanói, David falece nos braços de Alex. Ela sai conhecer Hanói com Max e Bruno. Como sempre sonhou em ter uma família convencional com Max, após os últimos suspiros de David no lugar escolhido para morrer – Hanói – Alex finalmente vê-se na âncora social familiar com o filho e pai deste.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os termos “fronteira e guerras” permeiam a narrativa de diferentes formas. Enquanto luta de países e povos, como no Vietnã, vitimando pessoas e fomentando imigrantes, como diversos personagens da obra analisada (Linh, Huong, Benjamin, Derrick e Trung) enquanto medida de sobrevivência numa sociedade capitalista e opressora, como os pais de David, Luiz e Guadalupe, que vão aos EUA em busca de melhores condições de vida, para Alex que luta para sobreviver e criar o filho em meio às convenções sociais e o próprio David, o qual enfrenta a guerra de uma doença terminal e que migra para um local distante para morrer. Porém, o exílio em *Hanói* possui duas faces: a de refúgio para a morte e de redenção a partir da própria morte.

Hanói desmistifica a ideia comumente aceita de exílio pois o que surpreende é que a liberdade se associa ao exílio, visto que David se mune de liberdade e percorre um caminho de errância rumo ao desterro, daí o desterrado não aparecer como vítima de guerra, mas, pelo contrário, como contraponto da grande maioria

da população saudável. Assim, David, enquanto exilado/desterrado, enceta uma fuga para Hanói, acompanhado pela certeza da morte.

Constatou-se que o processo de pertencimento identitário, marcado por elementos como guerra, luta, viver/sobreviver, buscar, sonhar, desejar, aceitar o novo e pertencer ao novo, a um *ethos* coletivo, motivam e alimentam os personagens de *Hanói*, os quais não delimitam mais fronteiras, pois estão em trânsito com o diferente, enfrentam choques culturais, contornam o irrepresentável, atribuindo-lhe um lugar com traço intraduzível, de inconformidade e inadequação com o vivido, mesmo que a existência seja frágil, como a vida de David.

Através da fragmentação do eu, da (des) construção identitária, o exílio reinscreve David e Alex, bem como seus familiares na ordem simbólica de uma cultura, à filiação ao novo no ultrapasse de fronteiras, sem remetê-los à vacuidade da terra perdida, contribuindo para o processo, lento e gradual, de construção de pertencimento identitário. Conclui-se que o processo de pertencimento identitário em *Hanói* é incompleto, pois os personagens ocupam contextos multiculturais em que reformulam constantemente suas experiências e representam-se de forma anacrônica.

Afirma-se que as identidades dos protagonistas são ambivalentes e incompletas, pois se encontram num processo contínuo de (des) construção e não se inscrevem em um único espaço geográfico; este processo é marcado, na ordem subjetiva, principalmente por deslocamentos, renúncias e rupturas.

5 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAN, Nazir Ahmed. Alter-idade em casa. O exílio interno no romance moçambicano. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.14, n.1. pp. . 76-91, jan/jun 2016. ISSN: 2176-381X Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4324> Acesso: 04 ago 2018 (Qualis A2)

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (org.) *Teoria literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

INDURSKY, Alexei Conte; OLIVEIRA, Luiz Eduardo Prado de. Sobre a melancolização do exílio. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 19(2), 242-258, jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n2p242.4> Acesso: 03 ago 2018 (Qualis A1)

LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Submissão: 15 de maio de 2019.

Aceite: 15 de outubro de 2019.